

An abstract black line drawing on a dark gray background, depicting the profile of a face and neck. The lines are expressive and sketchy, with some areas filled with stippling. The face is oriented towards the right, and the neck extends downwards.

ARTE SEM LIMITES

CÔA & SIEGA VERDE



ARTE SEM LIMITES

CÔA &
SIEGA
VERDE

EXPOSIÇÃO

LISBOA | JULHO - OUTUBRO '22
MADRID | NOVENBRO '22 - FEVEREIRO '23

ORGANIZAÇÃO

Junta de Castilla y León e Fundação Côa Parque

PARTICIPAÇÃO

Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa), Museu de Arte Popular (Lisboa) e Museo Arqueológico Nacional (Madrid)

FINANCIAMENTO

Interreg Espanha-Portugal | Programa Paleoarte | Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

EXPOSIÇÃO

Comissários

Thierry Aubry | José Javier Fernández Moreno | André Tomás Santos | Cristina Vega Maeso

Projeto

byAR - Pedro Pereira | Patrícia Ferreira | Saeideh Shekoohi

Design

byAR - Pedro Gonçalves | Teresa Monteiro | Pedro Matos | Thierry Aubry | Jorge Sampaio

Produção

Stripeline - Helder Mata | Gonçalo Tomás
byAR - Alexandra Allen | Tiago Duarte | Ruben Rebelo | Pedro Teixeira | Alberto Flores
VPrint - Produção de imagem, Lda.

Réplicas

Morph - Geociências | 3D Factory | Pedro Cura | Thierry Aubry | Jorge Sampaio | Marcos Terradillos

Tradução de textos

EURO-TEXT Traductores e Intérpretes

Fotografias, decalques e desenhos

José Javier Alcolea González | Manuel Almeida | Beatriz Alonso | Thierry Aubry | Rodrigo de Balbín Behrmann | António Fernando Barbosa | Julián Bécares | Carmen Cachom | Francisco Fabián García | Marcos García Díez | Pedro Guimarães | António Jerónimo | Miguel Angel Martín | Julián Martínez | José Javier Fernández Moreno | Marina Mosquera | Luciano Municio González | Pedro Pereira | Alejandro Plaza | Mário Reis | Olívia Rivero | José Paulo Ruas | Agustín Ruiz | María de Jesús Sanches | André Tomás Santos | Pedro Saura | Joana de Castro Teixeira

Audiovisuais

El Maestro de Altamira AIE. | Morena Films Productions | Morph - Geociências | Plan C Creatividad sin límites S.L.

Ilustrações

Alexandra Allen

MUSEU DE ARTE POPULAR | LISBOA | PORTUGAL
MUSEU ARQUEOLÓGICO NACIONAL | MADRID | ESPANHA

Pessoas e Entidades Colaboradoras |

Mariana Abreu | Maria José Albuquerque | Miguel Almeida | Alicia Ameijenda | Marian Arlegui | Benito Arnaiz | Alberto Bescos | Carmen Cacho | Andrés Carretero Pérez | Joana Carrondo | Antonio Carvalho | Adriana Chauvin | Aida Carvalho | Hipolito Collado | Dalila Correia | David Cuenca | Pedro Cura | Pilar Fatás | António Batarda Fernandes | José Antonio Fernández de Córdoba | Verónica Fernandez Navarro | Paulo Ferreira da Costa | Alejandro Fonseca | Ana Fraile | Ana Fromesta | Carlos García | Rita Gaspar | Sérgio Gomes | Isabel Leal | André Leitão | Carmen Manzano | Ana Belén Marín | Alexandra Marques | Santiago Martínez Caballero | Andrea Martins | Tania Mosquera Castro | César Neves | Marta Negro | Luis Nobre | Roberto Ontañon | Sofia Figueiredo Persson | Nuno Ramos | Ketty Ratero | Manuel Santonja | Filipa Santos | Marcelo Silvestre | Renata Talarico | Ignacio Triguero | Jesús Maria del Val Recio

Agência Portuguesa do Ambiente | Ayuntamiento de Castillejo de Martín Viejo | Ayuntamiento de Fuentes de Oñoro | Ayuntamiento de Villar de Argañán | Ayuntamiento de Villar de la Yegua | Dirección Geral do Património Cultural | Hemeroteca de Castilla y León | Ministério da Cultura | Ministerio de Cultura y Deporte | Ministério da Economia e do Mar | Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior | Município de Figueira de Castelo Rodrigo | Município de Pinhel | Município da Mêda | Município de Vila Nova de Foz Côa | Turismo de Portugal | Fundación Siega Verde | ADECOCIR | Arqueologia e Património - Ricardo Teixeira & Vítor Fonseca Lda.

Entidades Prestadoras

Gobierno Principado de Asturias. Consejería de Cultura, Política Lingüística y Turismo. Dirección General de Cultura y Patrimonio | Gobierno de Cantabria. Consejería de Universidades, Igualdad, Cultura y Deporte | Junta de Extremadura. Consejería Cultura, Turismo y Deporte. Dirección General de Bibliotecas Archivos y Patrimonio Cultural | Servicio Territorial de Cultura y Turismo de Salamanca | Servicio Territorial de Cultura y Turismo de Segovia | Museo Nacional y Centro de Investigación de Altamira | Museo de Prehistoria y Arqueología de Cantabria | Museo de Segovia | Museo de Salamanca | Museo Numantino | Museo de Burgos | Museo de la Evolución Humana | Universidad de Cantabria | Universidad de Salamanca

CATÁLOGO

Coordenação

Thierry Aubry | José Javier Fernández Moreno | André Tomás Santos | Cristina Vega Maeso

Textos

José Javier Alcolea González | Thierry Aubry | Rodrigo de Balbín Behrmann | Julián Bécares Pérez | Primitiva Bueno Ramírez | José Javier Fernández Moreno | Luis Luis | Juan Antonio Martos Romero | Mário Reis | Olívia Rivero Vilá | María de Jesús Sanches | André Tomás Santos | Joana de Castro Teixeira | Carlos Vazquez Marcos | Jesús Maria del Val Recio | Cristina Vega Maeso

Design e paginação

byAR

Pedro Gonçalves

Impressão

Graficas EUJOA SA

© De la Edición: Consejería de Cultura, Turismo y Deporte. Junta de Castilla y León.

© De los textos e ilustraciones: los autores

ISBN

978-84-9718-714-5

Depósito Legal

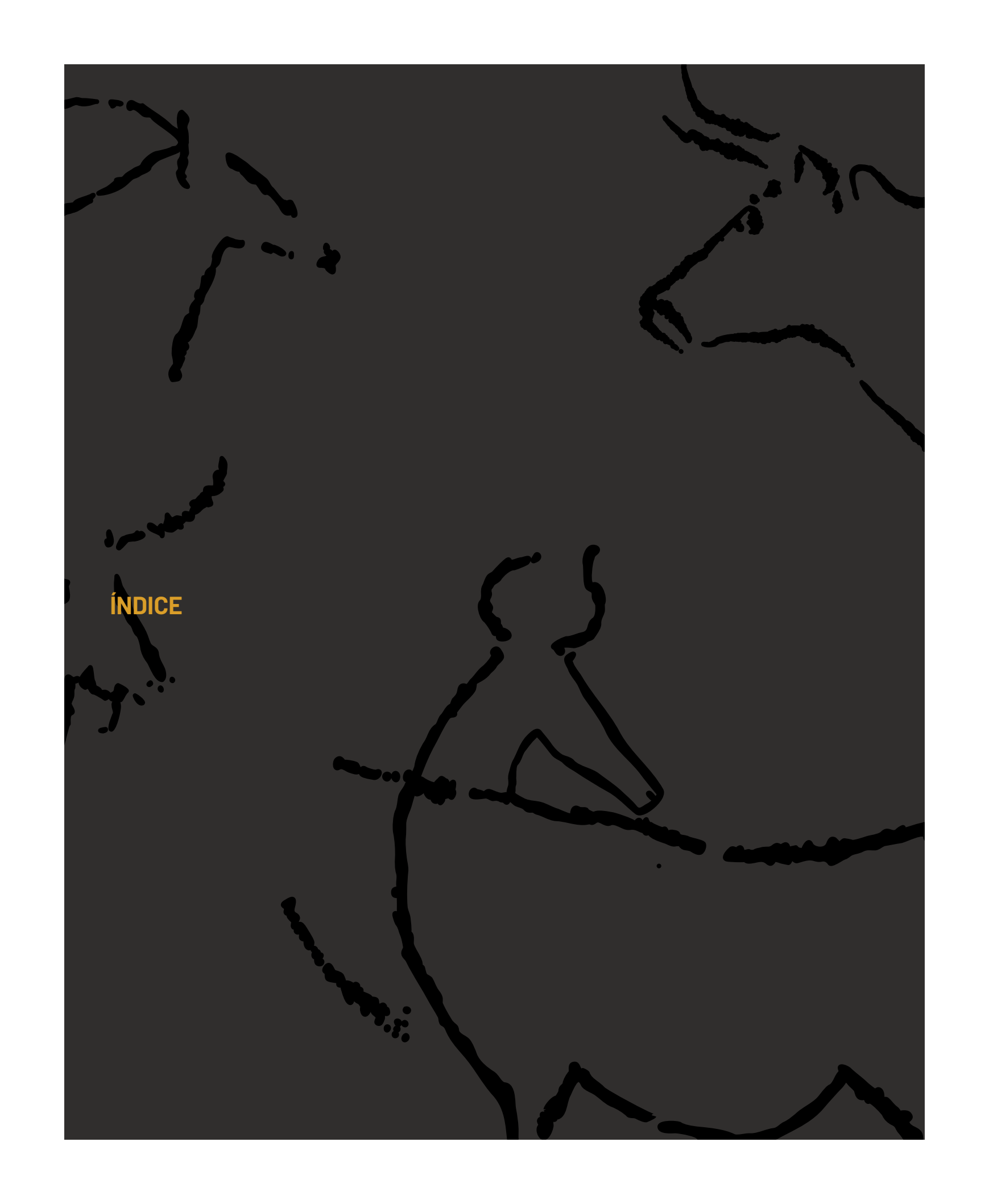
VA 646-2022

In memoriam a Bruno Navarro



ARTE SEM LIMITES

CÔA &
SIEGA
VERDE

An abstract black line drawing on a dark gray background. The drawing consists of several thick, irregular, and somewhat jagged black lines. These lines form a complex, organic shape that resembles a stylized figure or a series of interconnected paths. The lines are drawn with a hand-drawn, sketchy quality, with some areas appearing more densely inked than others. The overall composition is centered but extends towards the edges of the frame.

ÍNDICE

- 007** Apresentação
- 013** Introdução
- 019** Grupos humanos no Vale do Douro durante o Paleolítico Superior e as primeiras manifestações artísticas
- 033** O Vale do Douro durante o Paleolítico Superior. Ambiente e modos de vida.
- 049** A arte paleolítica da bacia do Douro no contexto do Sudoeste europeu
- 067** Distribuição e contextualização da arte paleolítica ao ar livre dos conjuntos do Côa e Siega Verde.
- 081** Caracterização e evolução da arte paleolítica no Vale do Côa em Siega Verde.
- 097** Arte Finiglacial (Estilo V/Azilense). Caracterização das manifestações e contextualização dos conjuntos do Côa e Siega Verde.
- 113** Entre Espanha e Portugal. A arte esquemática na média e baixa bacia do Douro
- 135** As representações da Idade do Ferro no limite ocidental da submeseta norte: características e sua relação espacial e conceptual.
- 147** Pastores, moleiros e outras gentes. Arte rupestre de época histórica de ambos os lados da fronteira.
- 159** Vale do Côa e Siega Verde. Sítios do Património Mundial para visitar.



**PASTORES, MOLEIROS E OUTRAS PESSOAS.
ARTE RUPESTRE DE TEMPOS HISTÓRICOS EM AMBOS
OS LADOS DA FRONTEIRA**

Mário Reis

Fundação Côa-Parque/Parque Arqueológico do Vale do Côa

Carlos Vázquez Marcos

C.E.M., Labtec y (Gir) Prehusal

INTRODUÇÃO

Este contributo sobre um fenómeno artístico tão pleno de sugestões como a arte rupestre mais recente, inventariada no ambiente imediato dos sítios rupestres protagonistas do catálogo na zona fronteiriça entre o vale do Côa em Portugal e a parte mais ocidental da província de Salamanca, pretende revelar uma importante realidade ligada à experiência dos habitantes rurais destes territórios raianos.

Esta iconografia, abundantemente conhecida por toda a Península Ibérica e maioritariamente gravada em afloramentos rochosos, embora com um estudo centrado em outros suportes como o móvel, tem despertado, no entanto, pouco interesse, como se pode concluir pela escassa pesquisa arqueológica sobre o assunto. Uma arte, portanto, que nem sempre recebeu o mesmo esforço e abordagem científica que tem sido utilizada para as cronologias mais antigas o que, sucintamente, tentamos atenuar aqui, tal como em trabalhos anteriores (ver referências bibliográficas).

A maioria das manifestações conhecidas são de época moderna ou contemporânea. Mas há situações em que se conhece, ou pode sugerir, uma anterioridade medieval. Nesse sentido, é preferível designar este universo iconográfico como de época histórica, não delimitando excessivamente uma realidade tão heterogénea na cronologia, contextos regionais, temas, estilos, técnicas e ambientes.

O mesmo acontece quando nos referimos à sua autoria. Em Espanha há a firme tradição de a designar como “arte pastoril”, ou “agro-pastoril e popular”, justificável pelo protagonismo e abundância destas decorações em objectos móveis. Em Portugal não se coloca esta associação mas, no Côa, tem-se realçado as gravuras feitas por moleiros. No entanto, num olhar abrangente, não é possível limitar a autoria das múltiplas gravuras documentadas a grupos específicos como pastores ou moleiros, havendo seguramente outros autores dentro destas comunidades. Pensamos assim ser preferível uma expressão mais neutra, como «arte rupestre de época Histórica».

O MARCO GEOGRÁFICO: NOTAS FRAGMENTÁRIAS SOBRE OS SÍTIOS CONHECIDOS, EM AMBOS OS LADOS DA RAIA

A quantidade de sítios e a sua investigação variam nas duas zonas em análise e comparação: o vale do Côa e o ocidente da província de Salamanca. No entanto, a investigação da arte rupestre histórica é recente em ambos os territórios, com escassos antecedentes.

No Côa, o inventário sempre abrangeu as manifestações mais recentes, incluídas em variadas publicações, embora com diferentes graus de detalhe. Em Salamanca conheciam-se poucas rochas com gravuras históricas até um trabalho dos signatários sobre esta temática (ver referências bibliográficas), que ampliou enormemente o conhecimento, divulgando mais de uma dezena de novos sítios.

A imensa concentração de sítios no Côa reflete a investigação contínua realizada nos últimos anos, que contrasta com a maior escassez e dispersão do grupo salmantino. É possível que a facilidade e rapidez com que esses últimos locais foram detectados seja uma indicação de que são uma fracção ínfima da realidade, e que esta poderá ter uma amplitude imensa, que agora se começa a vislumbrar.

A iconografia de época histórica do vale do Côa dispersa-se pela mesma área ocupada pela restante arte rupestre, com mais de 300 rochas inventariadas em 61 sítios. Esta abundância, em consonância com o que se conhece de épocas mais remotas, está vinculada à ampla disponibilidade de superfícies rochosas adequadas no troço final do Côa e a zona adjacente do Douro. Reflete também a intensa utilização do território pelas populações rurais nos últimos séculos, um território hoje de baixa demografia e com terrenos em progressiva regeneração ambiental, mas onde os testemunhos arruinados de múltiplas construções atestam eloquentemente sobre um intenso passado agrícola.

Em geral, os lugares escolhidos são encostas sobre os rios Côa e Douro ou, em alternativa, afluentes de ambos. A decoração distribui-se por todas as localizações possíveis, dependendo sobretudo da disponibili-



Fig. 2. A. Rocha 24 da Canada do Inferno. Motivos religiosos. **B.** Rocha 7 da Canada do Inferno. Crucifixo.



Fig. 2. C. Muro dos Namorados. Motivos abstractos. **D.** Rocha 56 do Vale do Forno. Conjunto de figuras diversas.

dade de afloramentos. A exceção ocorre nas gravuras associadas a moinhos de água. Nesses casos, como na Canada do Inferno, as gravuras situam-se junto aos leitos dos rios, sobretudo no próprio Côa, mas com casos conhecidos no Douro, ou em afluentes de ambos os rios, como em Vale de Moinhos.

Há outras associações entre gravuras e estruturas, como em superfícies verticais a servir de parede interna em casebres, com os melhores exemplos nos sítios do Vale do Forno, Bulha ou Vale de Cabrões. Outra situação sugestiva ocorre no sítio da Cavalaria, com uma rocha com dezenas de cruzes picotadas e associável a uma antiga calçada. Na aldeia de Castelo Melhor há dezenas de pedras gravadas no Muro dos Namorados, que deveriam integrar uma estrutura mais antiga.

Os abrigos decorados são raros, com a grande maioria das superfícies decoradas de xisto e em posição vertical em pleno ar livre, seguindo a geomorfologia dominante. Também há raros casos de superfícies horizontais, como na Cavalaria ou no terraço do Vale da Casa, para além de representações noutros suportes, como num abrigo quartzítico no Colmeal, em vários sítios graníticos associados a moinhos no fundo dos vales (Faia, Ervideiro e Moinho do Chocho) ou em outras altitudes e contextos (Picão da Lapa, Faia do Coto ou Tambores).

Este imenso conjunto de gravuras históricas do Côa, tendo em conta a sua dimensão, coerência e a forte identidade vinculada ao território onde se dispersa, reflecte o intenso aproveitamento pela população rural das excepcionais condições geológicas para fazer uma vasta e variada obra iconográfica num tempo alargado, num território limitado e geomorfologicamente bastante homogéneo: o final da submeseta norte. Uma área delimitada por formações montanhosas e de intrincada rede hídrica, com os profundos vales do Côa e Douro e a sua miríade de afluentes.

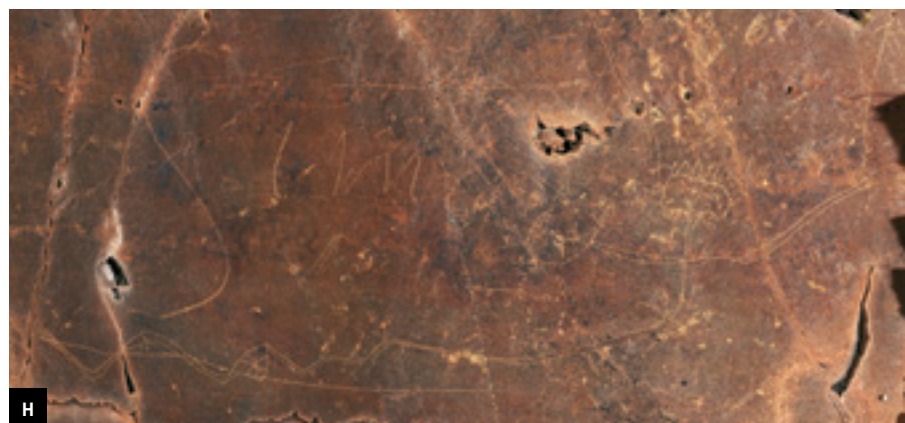
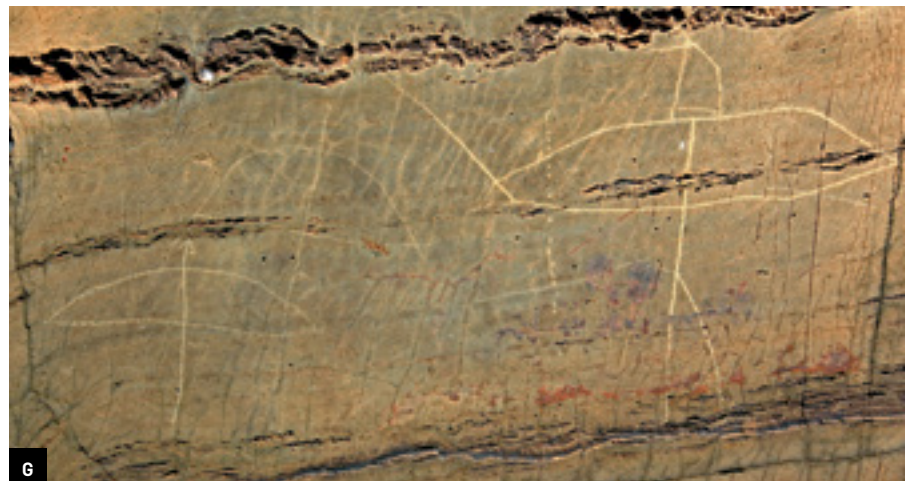


Fig. 2. E. Rocha 3 da Ribeira do Picão. Crucifixo. **F.** Rocha 25 do Vale da Casa. Cavaleiro. **G.** Rocha 4 da Ribeira de Urros. Conjunto de bestas. **H.** Rocha 48 do Vale do Forno. Figura mitológica: híbrido humano-serpente. (Fotografias: A: Fernando Barbosa; B, C, D, E, F, G; H: Mário Reis).

Na metade ocidental da província de Salamanca a situação actual é bastante diferente. Os escassos sítios conhecidos dispersam-se por um vasto território geomorfologicamente heterogéneo, aparecendo isolados ou em pequenos conjuntos dispersos, mas conhecendo-se já um amplo conjunto, abarcando pelo menos 5 sítios, rodeando o sítio de arte paleolítica de Siega Verde, nas encostas sobre o Águeda e em alguns dos seus pequenos afluentes. Destaca-se a dimensão do sítio de Las Vegas y Las Laderas, com 14 rochas decoradas, ou o mais pequeno Molino de Pedro/Pero Gordo, com gravuras picotadas e incisas, sendo o único na amostra salmantina directamente conectado com a actividade de moagem. A maioria dos restantes sítios é geomorfologicamente semelhante, dispersando-se pela submeseta, exceptuando um pequeno grupo na zona montanhosa da Sierra de Francia, com os sítios da Puente de L'Olla e El Charco de los Mozos (Monsagro).



Fig. 3. A. Cueva de los Leones. Leões, cruz e coração de vida, entre outros motivos gravados. **B.** Puente de L'Olla. Animais e outros motivos.

Por último, e embora de características diferentes, destacam-se o eremitério granítico da Cueva de los Leones e o sítio do Arroyo de las Almas. Este último é o maior dos sítios tratados e também o mais bem estudado, sendo geomorfologicamente o mais similar ao Côa, embora com uma iconografia particular.

ICONOGRAFIA RUPESTRE HISTÓRICA: CARACTERÍSTICAS, SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS EM AMBOS OS LADOS DA RAIA

Destaca-se, em primeiro lugar, a ampla variedade da iconografia rupestre de época histórica, nos aspectos estilísticos mas também nos seus contextos e ambientes. E embora haja uma certa semelhança, identificável na maioria dos sítios estudados de ambos os lados da fronteira, também se observa uma forte originalidade e variedade em diversos componentes, com sítios e iconografias singulares e algumas diferenças assinaláveis entre os lados português e espanhol.

Esta heterogeneidade estende-se aos aspectos técnicos e aos suportes escolhidos, que variam entre xistos e granitos (e um exemplar quartzítico no Côa), mas com o domínio do primeiro em ambas as zonas que, reflectindo uma realidade geológica comum, sugere também uma maior facilidade em encontrar gravuras nestas superfícies, uma vez que a sua execução exige menos tempo, esforço ou perícia. Este mesmo factor estará na base da imensa predominância da técnica da incisão, que é quase universal nos sítios salmantinos e constitui 80% do conjunto do Côa, sendo normalmente inviável em granitos mas acessível



a qualquer pessoa em superfícies xistosas. Menos frequente é a técnica da picotagem (e do alto-relevo, registado unicamente na Cueva de los Leones), que tem sido habitualmente mais documentada em associação a moinhos em diferentes geologias, sendo uma técnica particularmente apropriada ao pico de moleiro, embora surja também noutros contextos (por exemplo, na Cueva de los Leones, Cavalaria, Foz do Côa ou Vale do Forno).

Passando aos aspectos iconográficos, iremos recordar os elementos mais marcantes. No Côa, esta arte tem uma diacronia bem estabelecida pelas muitas datas gravadas que, em conjugação com aspectos temáticos e estilísticos, lhe concedem mais de 400 anos de continuidade, começando pelo menos em princípios do século XVII, como atestado por datas picotadas na Canada do Inferno e Vale de Moinhos. É ainda incerto se não haverá figuras anteriores, mas, a existirem, serão raras e desacompanhadas por inscrições.

No lado salmantino, a maioria das figuras são recentes, a partir do século XIX, mas a menor sistematização do conhecimento sugere que deverá haver arte rupestre histórica mais antiga que a conhecida. Por exemplo, na Cueva de los Leones, cuja primeira decoração poderá recuar à Idade Média. No Arroyo de las Almas, a ausência de inscrições e datas não facilita a datação, mas há um «ar» de maior antiguidade nas gravuras históricas deste sítio e, hipoteticamente, pode-se sugerir que remontem, ao menos, ao início da época moderna.

Podemos salientar alguns sítios que, numa e noutra zona, exemplificam as características principais desta arte rupestre. A Cueva de los Leones é um lugar diferente, originalmente um eremitério cristão, talvez medieval e decorado com uma cruz no altar. Posteriormente, nos séculos XVII ou XVIII acrescenta-



Fig. 3. **C.** Las Vegas y Las Laderas. Touro, datas e inscrições. **D.** El Sordo. Cena taurina. **E.** Las Vegas y Las Laderas. Rúbrica.



Fig. 3. F. Arroyo de las Almas. Humanos, signos y animales. (Fotografias de Mário Reis e Carlos Vázquez Marcos).

ram-se belos relevos de animais nas paredes laterais, destacando-se dois leões enfrentados, para terminar, na sua última fase (séculos XIX ou XX), com motivos «populares», como um «coração da vida», motivo frequentemente realizado em objectos pastoris y com inúmeros paralelos na provincia de Salamanca. O Arroyo de las Almas é notável pelos estilos particulares das figuras antropomórficas e zoomórficas, e pelo acentuado predomínio e diversidade da temática abstracta, notando-se a ausência de inscrições e de motivos religiosos. A sua rocha 1 (núcleo I) apresenta 180 motivos identificados, com milhares de traços incisos que cobrem toda a superfície y se sobrepõem a representações da Pré-história Recente, como um ressignificado e entrelaçado tesouro documental gráfico diacrónico. Também amplamente decorado é o sítio de Las Vegas y Las Laderas, mas de características diferentes, representativas dos elementos decorativos predominantes nos séculos XIX e XX, com maior liberdade criativa e pluralidade temática. Nalguns aspectos, serve de modelo para as características gerais da arte rupestre histórica em ambas as zonas, mas apresenta também alguns atributos exclusivos da zona espanhola. Aqui, o ênfase na execução de figuras humanas e animais, com ampla variedade temática e estilística, complementa-se com abundantes inscrições e assinaturas com rúbrica, para além de pentalfas, bestas e motivos abstractos de considerável diversidade.

Dos múltiplos sítios do conjunto do Côa, merecem especial realce, pela qualidade e complementaridade iconográfica, os sítios da Canada do Inferno e Vale do Forno. O primeiro reúne um extraordinário conjunto de gravuras, quase



todas picotadas e associadas a um antigo moinho. Com uma diacronia entre os séculos XVII (com a data gravada de 1600, a mais antiga de toda a zona) e XX, destaca-se uma temática intensamente religiosa, talvez conectada com o peculiar topónimo do lugar. O segundo apresenta quase exclusivamente gravuras incisas, datáveis a partir do século XIX, e com características similares ao sítio de Las Vegas y Las Laderas. Para além da habitual variedade temática e estilística, destacam-se algumas cenas narrativas, uma delas com elementos ligados à mitologia popular, como sucede na Puente de L'Olla.

Uma tendência observada no vale do Côa, e adivinhável na amostra salmantina, é a progressiva evolução para a diminuição de regras e cânones rígidos na realização de gravuras rupestres, com a variabilidade das escolhas individuais e a centralização temática nos próprios autores das gravuras ou no seu mundo e entorno imediato que, à medida que se avança no tempo, se sobrepõem às temáticas mais canónicas e menos variadas dos primeiros tempos. Esta tendência *autocentrista* não implica, no entanto, a atomização individual e a alienação da iconografia rupestre das tendências sociológicas dominantes das sociedades rurais em que se insere. Pelo contrário, o progressivo aligeirar das regras não escritas que regiam as temáticas autorizadas permitiu alguma liberdade criativa e o aparecimento de um novo paradigma no ciclo gráfico mas, e como expectável em sociedades rurais conservadoras, a ligação ao seu universo mental e sociológico mantém-se sempre dominante.

Fig. 3.G. Serranillo. Signo; **H.** Arroyo de las Almas. Humanos, signos e animais. (Fotografias de Mário Reis e Carlos Vázquez Marcos).

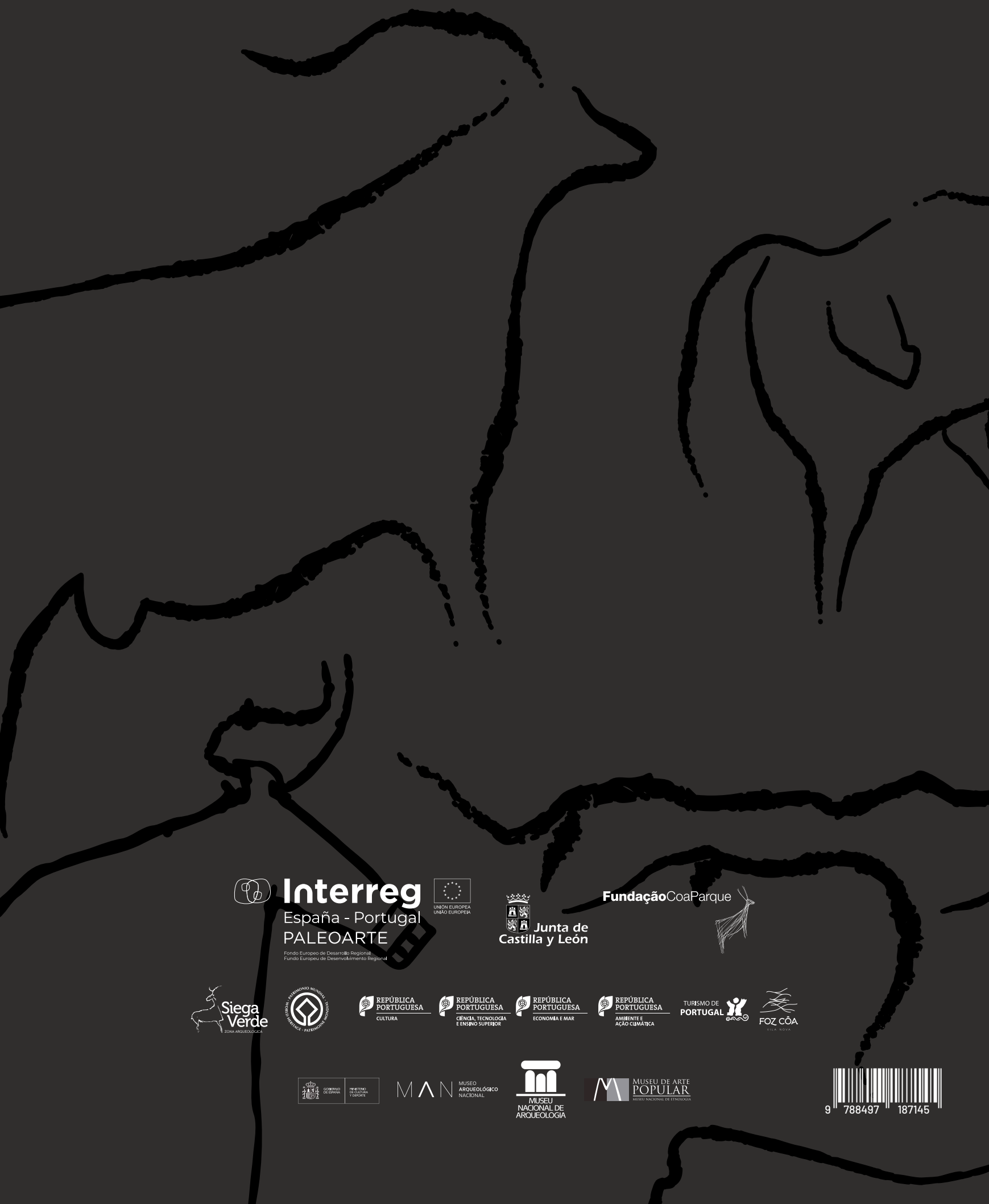
Se este último factor é comum a ambas as zonas, com a tendência análoga para a centralização temática no ser humano, há também algumas diferenças apreciáveis entre as áreas estudadas. Uma diferença menor surge nas inscrições e assinaturas. Em ambos os lados estas limitam-se geralmente ao nome, por vezes com data, mas na área salmantina surge frequentemente uma forma peculiar de assinatura sem paralelo no Côa: a assinatura em rúbrica.

Outra diferença aparece na temática zoomórfica, que aparece com frequência nos séculos finais do ciclo histórico. Havendo uma grande variedade de animais representados e uma insistência particular em representações de aves, o lado salmantino destaca-se pelos leões e pela temática taurina, com touros isolados ou em cenas de tourada, que se repetem em muitos dos sítios encontrados. Uma diferença facilmente explicável pela imensa importância da tourada à escala da nação espanhola, sem equivalente no Norte e Centro de Portugal.

A arte histórica do Côa também se distingue pela maior quantidade de figuras e variedade iconográfica, em parte explicável pela diferença quantitativa na amostragem. Mas há um último elemento diferenciador que importa realçar: a iconografia religiosa. Embora se tenham documentado em comum abundantes pentalfas, provavelmente de sentido apotropaico e próprios do universo mental supersticioso das populações rurais, na área salmantina é escassa a iconografia especificamente cristã, em pleno contraste com a sua profusão no Côa, onde constitui a sua principal temática, em contextos e ambientes variados, estendendo-se ao longo de todo o ciclo histórico. Esta prevalência temática não surpreende em associação à ruralidade do Antigo Regime, pelo que é a sua ausência do conjunto salmantino, maioritariamente datável dos séculos XIX e XX, que requiere explicação. Esta, poderá estar relacionada com o reduzido tamanho da amostra estudada, ou com as especificidades culturais e históricas da população espanhola deste período.

BIBLIOGRAFIA

- Baptista, A. M. (1999): *No tempo sem tempo: A arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa. Com uma perspectiva dos ciclos rupestres pós-glaciares*. PAVC/CNART, Vila Nova de Foz Côa.
- García Díez, M. e Luís, L. (2003) "José Alcino Tomé e o último ciclo artístico rupestre do Vale do Côa: um caso de etnoarqueologia". *Estudos Pré-Históricos*, X-XI, Viseu: CEPBA: 199-223.
- García Medina, C. (2014) *El arte popular de los pastores salmantinos*. Instituto de las Identidades, Diputación de Salamanca, Salamanca.
- Luís, L. (2008) *A Arte e os Artistas do Vale do Côa. Guia para visitantes*. Parque Arqueológico do Vale do Côa/ Associação de Municípios do Vale do Côa, Vila Nova de Foz Côa.
- Reis, M. (2012) "Mil rochas e tal...!": Inventario dos sítios da arte rupestre do vale do Côa". *Portvgalia*, 33: 5-72.
- Reis, M. (2013) "Mil rochas e tal...!": Inventario dos sítios da arte rupestre do vale do Côa (2ª parte). *Portvgalia*, 34: 5-68.
- Reis, M. (2014) "Mil rochas e tal...!": Inventario dos sítios da arte rupestre do vale do Côa (Conclusão)". *Portvgalia*, 35: 17-59.
- Reis, M. e Vázquez Marcos, C. (2019) "Arroyo de las Almas (La Fregeneda, Salamanca): un nuevo conjunto con arte rupestre en la cuenca del Duero". *Complutum*, 30 (2): 223-245.
- Vázquez Marcos, C. e Reis, M. (2020) *Arte rupestre pastoril en el occidente de Salamanca*. Instituto de las Identidades. Diputación de Salamanca, Salamanca



Interreg
Espana - Portugal
PALEOARTE

Fondo Europeo de Desarrollo Regional
Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional



**Junta de
Castilla y León**

Fundação CoaParque



9 788497 187145